

A Dramatização como Recurso Pedagógico em Enfermagem

Marilei de Melo Tavares e Souza

Professora da Universidade Severino Sombra, Centro de Ciências da Saúde, Curso de Enfermagem, marileimts@hotmail.com

Resumo: *O presente estudo buscou analisar a dramatização como uma estratégia de ensino que visava promover reflexão sobre o trabalho de enfermagem. Realizou-se estudo exploratório de campo, de abordagem qualitativa com os enfermeiros alunos do curso de Especialização em Enfermagem do Trabalho. Recorreu-se à técnica de dramatização como modo de expressão de experiências. Esta prática promove aproximação pedagógica e proporciona a participação e interação dos envolvidos no processo educativo. Os métodos empregados pelo enfermeiro em seu cotidiano de trabalho são de orientação tecnicista, marca de sua formação. Esses métodos produzem como efeito um cuidar tardio/descuidado e a negação do sofrimento, tanto dos trabalhadores como dos pacientes. Conclui-se que dinâmica subjacente ao processo de cuidar dos enfermeiros em seu cenário de prática é marcada por faltas que simbolizam a carência histórica de valorização social da profissão de Enfermagem.*

Palavras-chave: *Dramatização. Enfermagem. Estratégia pedagógica.*

The Dramatization In Nursing Pedagogical Resources

Abstract: *The present study analyses the dramatization was, one education strategy whose aim promotes reflection on nursing work. Dramatization was the technique used to express the experiences. This empirical and qualitative research has as subject nurses pupils of the Specialization Course in Occupational Nursing. This practical promotes an approximation between pedagogical, yielding the participation and integration of the bring-up process involved agents. The methods used for the nurse in its daily work are of technical oriented as education mark. Such methods produce as effect the late/carelessness emergency care and the suffering refusal in workers and patients. One concludes that dynamic underlying the nurses' care process in its practical work scene is marked by lack that symbolize the historical lack of social valuation in nursing profession.*

Keywords: *Dramatization. Nursing. Pedagogical strategy.*

Introdução

A dramatização foi definida por Jacob Levy Moreno como um recurso técnico derivado do Teatro, e que parte do psicodrama. Este último é uma metodologia de investigação e intervenções interpessoais, sustentado pelo princípio da espontaneidade e criatividade dos sujeitos. Facilita a emergência de conflitos existentes, proporciona alternativas e promove busca de soluções (MORENO,1984).

A dramatização, ou jogo dramático é também chamada de sociodrama ou role playing, que de acordo com a teoria de Moreno propõem que as atividades possam ser usadas em situações de aprendizagem como recursos facilitadores de compreensão de fenômenos que envolvem relações interpessoais (BARROS, *et al*, 2006).

Desse modo, trabalha-se com a subjetividade manifesta no coletivo e na intersubjetividade. Segundo Gil (1997) a dramatização é uma estratégia de ensino que tem origem nos trabalhos desenvolvidos em Viena, pelo médico e sociólogo Jacob Levy Moreno, quem desenvolveu a técnica psicoterapêutica conhecida como psicodrama, e que consiste na utilização da livre improvisação dramática, objetivando à catarse e ao desenvolvimento da espontaneidade do indivíduo. Alguns princípios do psicodrama passaram a ser utilizados também com objetivos educacionais, dando origem ao psicodrama pedagógico, que se caracteriza, sobretudo pela dramatização.

Considerada uma das estratégias de ensino mais atraentes a dramatização pode assumir formas bastante variadas. Contudo, para que haja eficiência, exige-se planejamento muitas vezes mais rigoroso do que o da própria aula expositiva; na dramatização, diferentemente do que acontece na aula expositiva, o professor não controla o seu desenvolvimento. Na dramatização são os atores que formulam suas próprias frases e determinam a direção da cena. O professor precisa se preparar para transformar o que acontece em uma experiência válida para a aprendizagem.

Nesta perspectiva, no âmbito da dramatização, o movimento dialético, que oscilou do individual para o coletivo e do coletivo para o individual, possibilitou a construção do conhecimento comum. Alvim *et al* (2001) comentam que no plano subjetivo, mas em atmosfera coletiva, dialógica e plural, estabelecidas em ambiente criativo e sensível, como nas dinâmicas de criatividade e sensibilidades, torna-se possível tanto para o pesquisador quanto para os sujeitos aumentarem suas formas de argumentação e entendimento em relação ao outro, visto que no *discurso do outrem*, encontramos os nexos com o nosso próprio discurso.

Desse modo, concorda-se com Freire (1987), quando diz que não há diálogo se não há uma imensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer, de criar e recriar. Fé na vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito de todos os homens. A fé é um dado a priori do diálogo, por isso existe antes mesmo de que ele se instale. O homem dialógico tem fé nos homens antes de encontrar-se frente a frente com eles. Ele que é crítico sabe que, se o poder fazer, de criar, de transformar é um poder dos homens, sabe-se também que podem eles, em situação concreta, ter este poder prejudicado. Esta possibilidade, em lugar de matar no homem dialógico a sua fé nos homens, faz aparecer nele, pelo contrário, um desafio ao qual tem de responder. Assim, fica convencido de que este poder de fazer e transformar, mesmo negado em situações

concretas, tende a renascer e pode renascer. Pode constituir-se não gratuitamente, mas na e pela luta por sua libertação, com a instalação do trabalho, mas não o escravo, e sim o livre, que dá alegria de viver. Isto quer dizer que a riqueza das dinâmicas está principalmente na dialogicidade, o princípio norteador da dramatização, de onde emerge a crítica-reflexiva dos que participam produzindo dados para a pesquisa.

O psicodrama é apontado ainda como uma abordagem qualitativa para o estudo da saúde do trabalhador, utilizando-o como um instrumento de coleta de dados das condições e organização do trabalho, apesar de ter inúmeras aplicações, podendo ser empregado nos diferentes contextos organizacionais e institucionais (LUCCA *et al*, 1991). Ao optarem por trabalhar com a construção de espaço coletivo, a fim de analisar por meio das representações manifestas pelos trabalhadores a relação entre as condições e organização do trabalho e a saúde, identificam tecnologias de poder: as que sustentam a dominação, as que sustentam a normatização, as que sustentam o processo de assujeitamento e as tecnologias de si. Portanto, a dominação advém dos dispositivos de alienação e de submissão às ordens de comando para o cumprimento de metas de produção e qualidade. Além de colocar em questão um novo modelo de coleta de dados em pesquisa qualitativa, no campo de aplicação do Psicodrama, os autores oferecem insumos para outros profissionais. Reforçam que sua utilização contribui inclusive para a melhoria da qualidade de vida da população trabalhadora, através de diagnóstico das condições e organização do trabalho, na medida em que oferece subsídios que contribuem para a redução de doenças ocupacionais e acidentes do trabalho. Enfim, o Psicodrama revela sua eficácia terapêutica como instrumento de intervenção, na medida em que promove espaços de fala, escuta, desenvolvimento da percepção de si e do outro, bem como reflexões sobre o processo de trabalho, contribuindo desta forma para a melhoria de aspectos relacionados à organização do trabalho.

A dramatização como dispositivo de mudança das práticas pedagógicas

A visão de mundo adquirida na própria cultura, o modelo tradicional de ensino centrado no conteúdo e na perspectiva positivista, que elegeram as construções científicas como a única maneira de se chegar ao conhecimento verdadeiro, são aspectos a serem enfrentados para o fortalecimento da formação acadêmica.

É no ato de compreender tudo o que temos em termos afetivos, intelectuais, conscientes e inconscientes, associações, emoções, pensamentos, tudo isso se integra num conjunto de noções que se qualificam mutuamente, sem que a pessoa tenha que se dar conta disso. É sempre um novo conhecimento, nosso e também sobre nós (OSTROWER, 1991).

Segundo Vygotsky (2000) o desenvolvimento psicológico ocorreria no curso da apropriação de formas culturais, apontando as bases para novos olhares entre os planos social e individual da ação. Indicou caminhos para superar a dicotomia individual/social: o sujeito constitui suas formas de ação em atividades e sua consciência nas relações sociais, o sujeito só é sujeito no contexto social. É no plano das interações que o desenvolvimento pode ser engendrado.

Para uma melhor compreensão do desenvolvimento como processo socialmente constituído, é importante entender os conceitos de ação internalizada e de zona de desenvolvimento proximal. Vygotsky refere que este conceito diz respeito a funções emergentes no sujeito, as capacidades ainda manifestadas com apoio em recursos auxiliares oferecidos pelo outro, assim como a distância entre o nível de desenvolvimento real de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas, sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

A concepção de sujeito e seu desenvolvimento conferem à teoria vygotskiana o caráter sociointeracionista, pela consideração de que o conhecimento é construído na interação sujeito-objeto e de que essa ação do sujeito sobre o objeto é socialmente mediada.

Levando em conta a importância da relação intersubjetiva para o crescimento individual, é possível conceber que o ato de educar se realiza apenas e somente no meio social, ou seja, em uma interação que realmente seja partilhada.

Não existe interação fora do espaço e do tempo histórico, por isso, são dimensões cruciais de todo ato pedagógico. Essa questão é marcante nas obras do educador brasileiro Paulo Freire.

As características psicológicas e o desenvolvimento das estruturas de pensamento de cada ser humano são construídos ao longo da vida, no processo de interação com o meio social, possibilitando a apropriação da cultura.

A educação é uma forma social de organizar e difundir a cultura, de modo que todo indivíduo possa ser protagonista dos sentidos que nelas circulam. É preciso ressaltar que a assimilação das informações e dos saberes não pode ser uma atitude passiva; ao contrário, para que haja uma aprendizagem efetiva, é necessário que as práticas pedagógicas sejam conscientes, participativas e transformadoras da realidade dos estudantes.

Como visto anteriormente, o desenvolvimento psíquico ocorre na interação e na prática social do indivíduo, prática esta que orienta sua vida no mundo e em suas relações com os demais indivíduos. Desta forma, a educação é um componente importante para o processo do conhecimento e da constituição do psiquismo.

A educação possibilita desenvolver modalidades de pensamento bastante específicas, desempenhando um papel diferente e insubstituível na apropriação pelo sujeito da experiência culturalmente acumulada. É por essa razão que a educação representa o elemento imprescindível para a realização plena do desenvolvimento psíquico dos indivíduos, já que promove, de modo deliberado, um modo mais sofisticado de analisar e generalizar os elementos da realidade: o pensamento conceitual.

No processo educacional, o importante é a formação da consciência, que, inevitavelmente, é determinada pela natureza das relações sociais em que cada sujeito realiza sua atividade coletiva e na qual o trabalho ocupa lugar central. Diversos fatores de ordem social, política e econômica interferem na dinâmica do espaço pedagógico, pois a escola não é uma instituição independente, mas é inserida na trama do tecido

social. Desse modo, as interações estabelecidas na escola revelam facetas do contexto para além daquele em que o ensino se insere.

Com efeito, o desenvolvimento cognitivo é resultado do processo de internalização da interação social com os subsídios provenientes da cultura. Não cabe aqui a ideia de uma pedagogia tradicional, baseada no reforço e na pura repetição, como se os estudantes fossem *objetos* da pedagogia. Os sujeitos não são apenas ativos, mas interativos, porque seus conhecimentos se estabelecem a partir das relações intra e interpessoais.

É no brincar que se desenvolve o potencial criativo e ao brincar vivencia-se, e isto facilitará no processo de socialização e interação com o mundo. Ao brincar treina-se para a vida, ao tentar ser o que o sujeito pensa que deveria ser, através do jogo, surge uma situação imaginária que permite saberes a partir do discurso do outro, de quem já se apropriou desse saber.

O brincar implica interação com o ambiente, com objetos e pessoas. No brincar pode-se mudar o ambiente de forma a favorecer o seu próprio bem-estar. Aprendemos a desempenhar papéis reproduzindo-os através da observação, o que permite desenvolver habilidades humanas para lidar com a experiência, criando modelos situacionais e atuando dentro deles (GUIMARÃES, 1988). A autora enfatiza o brincar como fim e não como meio em que, após a aprendizagem, interagimos com o objeto não mais para aprender, mas pela atividade em si, de domínio e modificação da realidade.

Portanto, quando há privação do brincar, há um empobrecimento da capacidade de experiência do campo cultural. É no brincar que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação. O impulso criativo é algo que pode ser considerado como uma coisa em si, algo naturalmente necessário a um artista na produção de uma obra de arte, mas também algo que se faz presente quando qualquer pessoa, indicando de maneira saudável para algo, realiza deliberadamente alguma coisa (WINICOTT, 1975).

Compreendemos, que na perspectiva do brincar, a dramatização utilizada como um recurso pedagógico, pode promover a construção de saberes, a partir da vivência do discurso do outro e de lugares por ele transitados, pois para o imaginário tudo é possível. Ao vivenciar este lugar, o sujeito se permite vivenciar a experiência que emerge do processo de aprendizagem. Assim o aluno, constrói saberes próprios da vivência do outro, podendo vir a transformar sua prática.

Quando é oferecida a oportunidade do lúdico para representar papéis em um processo de dramatização, o sujeito gera possibilidade de transformar a realidade em que se encontra. O aluno frente à situação da dramatização, representa simbolicamente aquilo que gostaria que de fato acontecesse e inconscientemente expressa o que mais lhe afeta, bem como aquilo que nem percebe que lhe faz sofrer. A dramatização, além de constituir um recurso pedagógico, pode propiciar ao sujeito, por meio do lúdico – no brincar –, um meio de reelaborar, refletir e desenvolver, sobretudo, o um pensamento crítico.

A dramatização no contexto do ensino

A dramatização pode ser utilizada como recurso didático. Ao dramatizar, o sujeito pode expressar percepções e sensações a respeito da realidade. Considerada uma das estratégias de ensino mais atraentes, pode assumir formas bastante variadas. Contudo, para que haja eficiência, exige-se planejamento muitas vezes mais rigoroso do que o da própria aula expositiva; na dramatização, muito diferente do que acontece na aula expositiva, o professor não controla o seu desenvolvimento. Na dramatização são os atores/alunos quem formulam suas próprias frases, determinando a direção da cena e o professor precisa estar preparado para transformar o que aconteça em uma experiência válida para a aprendizagem.

Utilizar a dramatização no ensino é levar o aluno a expressar suas percepções e sensações a respeito da realidade, revelando desta forma seu entendimento e saber a respeito de determinado conteúdo. A dramatização constitui-se como núcleo do psicodrama. Mobiliza no aluno sua espontaneidade, suas capacidades intelectuais, afetivas e sociais no ato de aprender. A dramatização favorece não apenas a aquisição de conhecimento, como também o desenvolvimento de relações interpessoais adequadas e saudáveis. A participação do aluno na ação dramática torna-o sujeito do seu conhecimento. Ao utilizar a dramatização como recurso pedagógico, o processo propicia ao aluno a possibilidade de desenvolver-se como ser humano, conjugando razão e emoção (VUGMAN, *et al*, 2005).

Percebe-se que a dramatização, cada vez mais, vem sendo incorporada por educadores envolvidos na formação profissional do enfermeiro. Barros *et al* (2006) referem, contudo, que esta incorporação, muitas vezes, vem ocorrendo com objetivo de aprendizagem das práticas e conceitos. A utilização do recurso da dramatização no processo ensino-aprendizagem, deve estar integrada ao processo de ensinar e aprender. A dramatização pode não só levar os sujeitos a perceberem que é preciso adquirir flexibilidade, como também pode auxiliar na aquisição de uma qualidade de escuta.

O sujeito produz sentido a partir das condições de produção dos discursos citados nos diferentes contextos de atuação profissional. Assim, seus enunciados tendem a ser diferentes, em função destes distintos contextos. Entretanto, a heterogeneidade dos alunos favorece o desvelamento, tanto dos limites quanto das possibilidades de cada cenário, para se manifestarem de forma criativa, quando submetidos a uma situação de dramatização.

Princípios para execução da dramatização como recurso de ensino e de pesquisa

Apresentada como proposta de aprendizagem, a dramatização é justificada pela utilização da técnica teatral em sala de aula. A manifestação teatral, desde suas origens rituais, tem se constituído num eficaz meio de comunicação e discussão das questões humanas (CABRAL, 2004). A utilização da técnica teatral, contudo, deve-se constituir num instrumento transformador da sociedade. Como atividade desenvolvida em sala de aula, não deve ter a intenção apenas de facilitar o aprendizado das disciplinas, mas servir como instrumento recorrentemente utilizado para propiciar a que, tanto

professores quanto alunos discutam sempre as questões mais inquietantes do ser humano, contribuindo para a modificação e construção do mundo.

O discurso citado começará a soar como no teatro, em que não há contexto narrativo, as réplicas do herói se opõem às réplicas dissociadas de outras personagens. As relações entre o discurso citado e o contexto narrativo, através da encenação, tomam uma forma análoga às relações entre linhas alternativas do diálogo (BAKHTIN, 2003).

A educação, tendo o papel de desenvolver pensamentos mais complexos, atua ativamente no desenvolvimento psíquico do sujeito, pois a intersubjetividade existente nesse espaço amplia a consciência. Ao concorrer para a formação da mente, modifica a maneira de ver e de relacionar-se com o mundo, contribuindo para que cada indivíduo se torne um ser social.

A finalidade do recurso dramatização como um instrumento de coleta de dados permite a escuta dos sujeitos evidenciando as suas práticas cotidianas e, sobretudo, a partir da sua vivência em lugares institucionais outros que não o seu, ou seja, permite que o sujeito da pesquisa, saia do lugar, aquele em que se supõe saber, para ocupar o lugar daquele que supõe o saber no outro. Deste modo, existe a perspectiva de intervenção, ou seja, de mexer com aquilo que já está instituído na prática do professor e do aluno (SOUZA, 2007).

Utilizando a criatividade e dramatização no ensino

Em uma atmosfera coletiva, dialógica e plural como a que se estabelece no ambiente criativo e sensível das dinâmicas de criatividade e sensibilidade, é possível para o pesquisador e os sujeitos ampliarem suas formas de argumentação e os seus entendimentos acerca do outro, uma vez que na enunciação do *discurso do outrem*, encontramos os nexos com o nosso próprio discurso (ALVIM, 2001).

O brincar difere substancialmente do trabalho e de outras formas de atividades. É no brincar que cria-se uma situação imaginária, em que os desejos não realizáveis podem ser realizados, e esse mundo é representado pelo brincar. O brincar é portanto uma ação simbólica. Contudo não existe brincar sem regras, ou seja a situação de qualquer forma de brincar já contém regras formais estabelecidas a priori. No brincar o sujeito pode representar o lugar do outro, a partir do discurso do outro e de experiências vivenciadas em relação a um determinado objeto. No brincar são os objetos que vão ditar o que o sujeito deve fazer; esses têm uma força motivadora inerente às ações do sujeito e determinam o comportamento. É no brincar, que o significado torna-se o ponto central e os objetos são deslocados de uma posição dominante para uma posição subordinada. O brincar cria uma nova forma de desejos (VYGOTSKY, 2000).

Dramatização como recurso didático – uma estratégia metodológica para coleta dos dados

A dramatização pode ser realizada como uma estratégia pedagógica, bem como para a sensibilização dos sujeitos diante do tema estudado. Além disso, a dramatização também pode ser utilizada como recurso para coleta de dados de pesquisa. Para tanto, torna-se necessário elaborar um roteiro para observação dos sujeitos.

A finalidade do recurso dramatização como um instrumento de coleta de dados permite a escuta dos sujeitos evidenciando as suas práticas cotidianas e, sobretudo, a partir da sua vivência em lugares institucionais outros que não o seu, ou seja, permite que o sujeito da pesquisa, saia do lugar de aluno, aquele em que se supõe saber, para ocupar o lugar daquele que supõe o saber no outro.

Assim, tendo em vista que o espaço da dramatização é caracterizado como um espaço plural, dialético e dialógico, em que os sujeitos aprendem e crescem. Nele emergiram as vivências e experiências dos sujeitos da pesquisa, carregadas de suas crenças, seus valores, suas visões de mundo, suas emoções, sua inserção sociocultural, manifestas nas contradições, nos conflitos ideológicos, nas semelhanças e diferenças de cada sujeito.

Conclusão

Estratégias artísticas são vitais para criar um clima de acolhimento nas salas de aula, com vista a um trabalho criativo que favorece a autoestima do aluno. Através da dramatização é possível observar sua interferência da criatividade na autoestima bem como em sua eficiência pedagógica, apontando-se a arte como um recurso para a expressão de sentimentos e emoções fundamentais para o processo de aprendizagem.

Assim, compreende-se que o processo de análise da dramatização deve ser tomado pelo educador/pesquisador como um momento de expressão de sentidos grupais, portanto de natureza coletiva, devendo-se evitar qualquer forma de análise de cunho individual. A interpretação deve respeitar os limites do tema pactuado com o grupo, valorizando-se a história e características locais do grupo.

A riqueza das dinâmicas está principalmente na dialogicidade, o princípio norteador da dramatização, de onde emerge a crítica reflexiva dos que participam produzindo dados para a pesquisa. As anotações do diário de campo enriqueceram as reflexões em sala de aula pelas vivências diferentes de cada aluno, mas todos buscando formação profissional como objeto de estudo para uma análise empírica do resultado encontrado.

Como forma de validação e respeito aos sujeitos participantes da atividade, as interpretações devem ser validadas pelo próprio grupo.

Referências Bibliográficas

Alvim, N. A. T.; Cabral, I. E. A aplicabilidade das plantas medicinais por enfermeiras no espaço do cuidado institucional. *Esc. Anna Nery. Rev. Enfer.*, v. 5. n°2, ago. 2001.

Bakhtin, M.M. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra: Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. – 4ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Barros, M. A; Cyrillo, C. C. P. A dramatização como recurso no processo ensino-aprendizagem na disciplina de história da enfermagem. *Cogitare enfermagem*, v.11 n.1. Curitiba, 2006.

Cabral, O. *Teatro na sala de aula: uma proposta de aprendizagem*. Sociedade Brasileira para o progresso da Ciência – SBPC, 2004.

Freire, P. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

Gil, A. C. *Metodologia do ensino Superior*. 3ª. Ed. São Paulo: Atlas, 1997.

Guimarães, S.S. Hospitalização na infância. *Psicologia Teoria e Pesquisa*. 4(2), p.102-112, 1988.

Lucca, S. R.; Schmidt, M. L G. Psicodrama: Uma abordagem metodológica qualitativa para o estudo da saúde do trabalhador. *Psicol. Am. Lat. Ago.*, n°2, 2004.

Moreno, J.L. *O Teatro da Espontaneidade*, Ed. Summus, São Paulo, 1984.

Ostrower, F.P. *Universos da arte*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

Souza, M.M.T. Uma experiência educativa na formação do enfermeiro do trabalho: a Humanização no cenário de prática. 2007. 107p. *Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente) Centro Universitário Unipli*, Rio de Janeiro.

Vugman, V.N.; Rubini, C. *Dramatização no ensino de Física Moderna*. XVI Simpósio Nacional de Ensino de Física, Rio de Janeiro, 2005.

Vygotsky, L. *A formação social da mente*. 8ª ed. SP, Martins Fontes, 2000.

Winicott, D.W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.